



**As mentiras de Barton
desmascaradas**

Rob Boston

10/2012

Os últimos meses foram bastante difíceis para o advogado da “nação cristã” David Barton.

Barton, baseado no Texas, que se apresenta como historiador nos últimos 20 anos e afirma ter provado que a separação entre igreja e estado é um "mito", sofreu um golpe humilhante em agosto, quando o editor de seu último trabalho, Thomas Nelson, anunciou que a empresa estava retirando o volume, perdendo a confiança em sua precisão.

O controverso livro, *The Jefferson Lies*, pretendia contar a história "real" por trás do terceiro presidente de nossa nação. Segundo Barton, Thomas Jefferson foi durante a maior parte de sua vida um cristão ortodoxo que livremente fundiu igreja e estado e nunca apoiou seriamente um muro entre os dois.

A audácia da alegação foi aparentemente uma ruína de Barton. Embora Barton tenha sido um espinho no lado dos americanos United, sua queda veio de uma fonte improvável: um grupo de estudiosos cristãos conservadores que se cansaram de seu abuso da história.

Warren Throckmorton e Michael Coulter, professores do Grove City College da Pensilvânia, publicaram no início deste ano uma refutação detalhada do livro de Barton intitulado *Getting Jefferson Right: Verifique as alegações sobre nosso terceiro presidente*. O livro marcou o começo do fim para Barton.

Os Americanos Unidos, o Comitê Conjunto Batista para a Liberdade Religiosa, os estudiosos Robert S. Alley e Edwin S. Gaustad e outros críticos vêm desconstruindo a história de Barton há anos. O que tornou tão poderosa a banda de Throckmorton / Coulter foi sua fonte: Grove City é uma instituição cristã conservadora. O site diz que "os absolutos éticos dos Dez Mandamentos e os ensinamentos morais de Cristo orientam o esforço para desenvolver o intelecto e o caráter na sala de aula, na capela e nas atividades cocurriculares".

Throckmorton disse que começou a investigar o trabalho de Barton em outubro de 2010. Na época, o professor de psicologia estava fazendo uma pesquisa sobre um projeto de lei em Uganda que teria imposto a pena de morte aos gays. Ele se deparou com referências a Bryan Fischer, um funcionário da American Family Association, sediada

em Tupelo, que argumentou que a Primeira Emenda não protege os não-cristãos.

Ao olhar mais de perto para Fischer, Throckmorton começou a ver referências a Barton.

"Descobri que muitas das idéias de Fischer eram derivadas dos escritos de Barton", disse Throckmorton. "Isso levou a uma análise mais detalhada das principais reivindicações que Barton fez com frequência em seus discursos e livros."

Throckmorton disse à *Church & State* que ele e seu colega Coulter ficaram consternados com a má qualidade da bolsa de estudos de Barton.

"Barton é frequentemente apresentado como historiador cristão e é citado por políticos e formuladores de políticas que conduzem seu trabalho em nome de Cristo", disse Throckmorton. "Para mim e meus colegas, o primeiro objetivo de qualquer estudioso, cristão ou não, é acertar os fatos.

"Foi isso que Michael Coulter e eu tentamos fazer com o nosso livro sobre Jefferson", continuou Throckmorton. "Examinamos as alegações feitas por Barton sobre Jefferson e descobrimos que estavam erradas. Os cristãos frequentemente culpam os outros por desconsiderarem fatos objetivos. No entanto, os cristãos são os ofensores a serviço de objetivos políticos."

Throckmorton e Coulter não são os únicos focados em Barton. Jon Fea, professor associado de história americana e presidente do departamento de história do Messiah College em Grantham, Pensilvânia, também é crítico de Barton.

Fea, autor de *A América foi fundada como nação cristã ? : Uma introdução histórica*, elogiou Throckmorton e Coulter por fazer "um trabalho sólido de dismantelar o trabalho histórico defeituoso de David Barton em *The Jefferson Lies*".

Uma vez sob o microscópio crítico, os problemas de Barton se acumularam rapidamente. O martelo realmente caiu em 8 de agosto, quando Barbara Bradley Haggerty, da National Public Radio, transmitiu um relatório devastador sobre Barton e suas reivindicações.

Haggerty recrutou os críticos de Barton para verificar suas alegações. Sua pesquisa mostrou que as alegações são falsas. (Dois exemplos: Barton afirma que a Constituição está repleta de referências

bíblicas e que Thomas Paine defendeu o ensino do criacionismo nas escolas. A Constituição não contém citações bíblicas, e Paine morreu em 1809 - 50 anos antes de Charles Darwin esboçar a teoria da evolução em *On The Origem das espécies*).

Na mesma época, a *World*, uma revista cristã evangélica, relatou que Jay W. Richards, membro sênior do Discovery Institute, um grupo que promove o criacionismo de "design inteligente", pediu a 10 professores universitários conservadores-cristãos que examinassem o trabalho de Barton.

"A resposta deles foi negativa", relatou *World*. "Alguns exemplos: Glenn Moots, da Northwood University, escreveu que Barton, no *The Jefferson Lies*, está tão ansioso para retratar Jefferson como simpatizante do cristianismo que perde ou omite sinais óbvios de que Jefferson estava do lado de fora do 'cristianismo ortodoxo, credo e confessional'. Um segundo professor, Glenn Sunshine, da Universidade Estadual Central de Connecticut, disse que a caracterização de Barton das visões religiosas de Jefferson é "não suportável". Um terceiro, Gregg Frazer, do The Master's College, avaliou o vídeo *Godon Heritage de Barton*, na *América*, e achou muitas de suas alegações factuais duvidosas, como uma declaração de que 52 dos 55 delegados na Convenção Constitucional eram 'cristãos ortodoxos e evangélicos'".

Pouco tempo depois, o *First Things*, uma publicação que destaca o pensamento católico conservador, criticou Barton por sua opinião sobre John Locke, o filósofo político do século XVII cujos escritos sobre liberdade religiosa influenciaram os Pais Fundadores.

O blogueiro Greg Forster afirmou que Barton é culpado de "inúmeras distorções" e "vários erros factuais incidentais" sobre Locke.

Até Break Point, um ministério fundado pelo falecido Charles W. Colson, decidiu libertar Barton. Em uma coluna de 21 de agosto, o funcionário do ministério Tom Gilson repreendeu seus companheiros evangélicos por engolir tão prontamente a linha de Barton.

"Com um pouco de cuidado, qualquer um de nós poderia saber das sérias questões que cercam o trabalho de Barton há muito tempo", escreveu Gilson. "Essas revelações recentes não são novidade, exceto no grau em que estudiosos cristãos conservadores estão envolvidos em chamá-lo para prestar contas".

Gilson observou que Barton frequentemente ataca alguns de seus críticos porque são liberais e afirma: "Mas a defesa da ideologia não ajuda em nada quando cristãos conservadores estão fazendo um caso

contra Barton - especialmente quando é um caso tão verificável quanto isso está provando ser. Não é a opinião política que está se acumulando contra ele agora. São fatos bem documentados.”

Alguns dias depois, a American Vision, uma organização abertamente teocrática sediada na Geórgia, que no passado elogiou Barton, se juntou ao coro crítico. Escrevendo no site do grupo, Joel McDurmon concluiu que o livro de Barton estava repleto de "alegações exageradas e desonestas".

Escrevendo no *The Atlantic*, o jornalista Garrett Epps resumiu o assunto com uma certa refrescância, observando: “Pelo menos nos últimos 20 anos, Barton tem sido um produtor incansável de livros e panfletos projetados para demonstrar que a América foi fundada por cristãos e deveria ser governado por cristãos, que a separação entre igreja e estado é um mito, e que o cristianismo protestante deve fazer parte do governo.

“Nesse período”, continuou Epps, “ele passou a ocupar uma posição de influência dentro do Partido Republicano. Seu sucesso é assustador, primeiro porque ele não é um historiador de nenhum tipo (seu único diploma é na Universidade Roberts Roberts em educação religiosa), e segundo porque, mesmo para os padrões da ala direita de hoje, ele é um idiota óbvio.”

Para o Americans United, a queda repentina da graça de Barton foi uma justificativa. A UA desrespeita as alegações de Barton desde o início de 1993, quando um defensor da UA na Califórnia enviou à organização uma fita de vídeo de Barton que estava aparecendo na televisão de acesso público.

O programa produzido de forma grosseira contou com o esbelto Barton delimitando o que parecia ser uma biblioteca doméstica, argumentando que os Estados Unidos foram fundados como uma "nação cristã" e que a separação entre igreja e estado é um "mito".

A fita, intitulada "Herança Divina da América", foi baseada em parte em um livro que Barton publicou por si próprio intitulado *O Mito da Separação*. A UA localizou uma cópia do tomo, bem como um trabalho anterior de Barton, *America: To Pray Or Not To Pray?* Os livros de bolso produzidos com simplicidade apresentavam todos os sinais de uma operação de publicação em casa.

Os livros não apenas pareciam ruins, mas os argumentos dentro deles eram atrozes. *O Mito da Separação* reciclou muitas das mesmas

afirmações que apareceram na fita de Barton e estava cheio de erros, meias-verdades e distorções.

América: Orar ou não orar era um verdadeiro bugio. No livro, Barton tentou "provar" que os Estados Unidos entraram em declínio desde 1962 - ano em que a Suprema Corte dos EUA derrubou as orações patrocinadas pelo governo nas escolas públicas.

O livro consistia em uma série de gráficos. Barton mostraria como, digamos, a taxa de crimes violentos e doenças venéreas aumentou desde 1962 e fixou isso na decisão da oração.

Assim começou uma luta de quase 20 anos entre Barton e Americans United. Na sua primeira história sobre Barton, publicada na *Church & State* em abril de 1993, a UA observou que Barton tinha laços com grupos extremistas. Em 1991, ele falou duas vezes com organizações supremacistas brancas. AU chegou a receber uma carta de um assessor de Barton admitindo que Barton havia conversado com os grupos, mas afirmando que ele não conhecia suas opiniões racistas e de extrema direita.

Em 1996, a Americans United descobriu que Barton publicou uma "ficha técnica" admitindo que quase uma dúzia de citações que ele atribuíra aos Pais Fundadores no *Mito da Separação* não podiam ser confirmadas. Barton mais tarde puxou o livro, adicionou mais material e o reeditou com o nome de *Intenção Original*.

Notavelmente, nada disso atrasou Barton. De fato, ele e sua organização "Wallbuilders" começaram um rápido aumento entre os Direitos Religiosos. Barton começou a aparecer em conferências nacionais, onde apresentaria sua versão recortada da história para o público adorador.

No caminho, ele se alinhou com pessoas como o pregador da TV Pat Robertson, o fundador do Focus on the Family, James C. Dobson, o ex-governador do Arkansas Mike Huckabee, o ex-presidente da Câmara dos EUA Newt Gingrich e outros líderes da direita religiosa e política. Eles elogiaram Barton como um importante historiador cristão.

A revista *Time*, em 2005, nomeou Barton um dos evangélicos mais influentes do país. Ele foi logo escolhido como vice-presidente do Partido Republicano do Texas. Em 2010, o alcance de Barton aumentou ainda mais depois que ele foi adotado por Glenn Beck e recebeu tempo no ar no Fox News Channel.

À medida que a estatura de Barton crescia, ele atraía uma atenção mais crítica. Em 2006, o escritor e pesquisador freelancer Chris Rodda publicou *Liars for Jesus: A versão alternativa da história da direita religiosa*, um trabalho exaustivo de 500 páginas com base em extensa pesquisa e fontes primárias que desmentiram as alegações de Barton. O tomo, que Rodda publicou por si próprio, era um importante corretivo às afirmações de Barton, mas, não surpreendentemente, não influenciou sua base de fãs do Direito Religioso.

Depois que *The Jefferson Lies* foi puxado por Thomas Nelson, um associado da Barton, Rick Green, postou um desafio público online desafiando qualquer um a encontrar erros no livro. Rodda respondeu imediatamente, oferecendo uma longa lista.

Green a princípio recusou-se a reconhecer a mensagem de Rodda e depois começou a atacá-la.

Ataques pessoais parecem ser uma grande parte da defesa de Barton. Green rotulou Throckmorton, Coulter e outros críticos da universidade de "elites acadêmicas" e até invocou Adolf Hitler e Saul Alinsky, um organizador político do século XX conhecido por suas visões radicais.

"Esses professores e repórteres elitistas que atacam David Barton sabem que a maioria das pessoas não lê o material de apoio por trás dos livros de David ... certamente não os blogueiros e repórteres que rapidamente entraram no vagão de ataque", escreveu Green em seu site. "Eles são exatamente os 'menos inteligentes' que Hitler conseguiu enganar, Alinsky ensinou os radicais a enganarem, e agora até os 'líderes' cristãos estão se unindo."

Mas esse argumento está se esgotando. Como Fea observou em seu blog: "Quando historiadores legítimos criticam o trabalho de [Barton], ele os pinta como ímpios e liberais. Mas todos esses historiadores e críticos podem estar errados? Aparentemente, David Barton é o único por aí que interpretou corretamente Thomas Jefferson.

"Esse tipo de arrogância", continuou Fea, "não apenas mostra um profundo desrespeito ao trabalho dos historiadores, muitos dos quais dedicaram suas vidas ao estudo de Jefferson, mas, talvez mais importante, é um constrangimento para a igreja cristã. . "

Barton pode se recuperar desse desastre? No momento da redação deste artigo, seus principais apoiadores parecem ser Huckabee e Beck (que não tem mais um programa na Fox). Segundo informações,

Beck se ofereceu para republicar *The Jefferson Lies* e permitir que Barton adicione material ao tomo em resposta a seus críticos.

Mas até o momento, as respostas de Barton consistem principalmente em reiterar os argumentos em seu livro. Em seu site pessoal, wthrockmorton.com, Throckmorton dissecou as respostas de Barton uma a uma.

Um bom exemplo é a insistência de Barton de que Jefferson ajudou pessoalmente a financiar uma das primeiras Bíblias impressas nos Estados Unidos. Barton afirma que Jefferson, John Adams e outros fundadores se uniram para "ajudar a financiar a Bíblia".

De fato, Jefferson apenas fez um pedido de uma cópia da Bíblia, da mesma maneira que uma pessoa hoje pode comprar um livro através da Amazon.com. Isso não é surpreendente, pois Jefferson gostava de analisar e comparar várias traduções da Bíblia.

Barton insiste que a decisão de Jefferson de comprar essa Bíblia fez dele um "investidor" no projeto - e sua clara implicação é que havia algum propósito evangelístico por trás disso. De fato, a verdade é muito mais prosaica: Jefferson simplesmente comprou uma Bíblia de um homem que as vendia, pagando por meio de um tipo de parcelamento.

Como poucas pessoas se dedicam a examinar as alegações de Barton nesse nível de detalhe, Throckmorton acredita que o país provavelmente não ouviu o último revisionista do Texas.

"Acho que ele pode sobreviver enquanto as pessoas que são líderes não examinam seu trabalho objetivamente", disse Throckmorton. "As críticas que recebemos são de quem não leu nosso livro e do próprio Barton.

"Barton teve um sucesso moderado em transformar seus críticos em um problema", continuou Throckmorton. "Seus seguidores não examinaram cuidadosamente nossas evidências e aderiram aos ataques *ad hominem*. Pessoas fora dos círculos evangélicos e historiadores tradicionais vêm levantando questões há anos. É um fato triste da psicologia social que procuramos informações nas pessoas de nossas próprias comunidades. Os cristãos precisam acelerar e acertar isso."

<https://www.au.org/church-state/october-2012-church-state/featured/the-barton-lies-debunked>

Traduzido pelo Google Translate